

DO TEXTO BÍBLICO À TRADUÇÃO PESSOAL: EXERCÍCIO DE CRÍTICA TEXTUAL E ANÁLISE GRAMÁTICO-SINTÁTICA NO SALMO 122

Natan Sales de Cerqueira¹

RESUMO

Estudo de caso baseado no Salmo 122 onde se mostra o esforço necessário, embora não exaustivo, para se produzir uma tradução pessoal e eclética de um texto bíblico, seja para fins de proclamação de um pregador, seja para fins de produção de uma exegese acadêmica. O esforço consiste primeiramente em crítica textual, sendo apresentada como uma análise completa do aparato crítico da passagem na *Biblia hebraica stuttgartensia* (BHS) e na exata ordem em que as variantes aparecem. Após isso, segue-se uma análise gramático-sintática com comentários versículo a versículo justificando as escolhas que resultaram no objetivo do trabalho: uma tradução pessoal e eclética.

¹ Atualmente cursando o Bacharel em Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul, da Igreja Presbiteriana do Brasil, é candidato ao sagrado ministério do Presbitério Unido (São Paulo, SP). Em vida pregressa, profissional de finanças corporativas de 2011 a 2021, com experiência heterogênea (de grupos globais e empresa própria), MBA pela FGV IDE (2015-17) e bacharel em Administração de Empresas pela FGV-EAESP (2008-12).

PALAVRAS-CHAVE

Bíblia hebraica, crítica textual do Antigo Testamento, crítica textual da Bíblia Hebraica; hebraico bíblico

INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que a tradução própria do texto bíblico é uma parte fundamental do trabalho exegético, seja para fins de proclamação da palavra, seja para fins de exercício acadêmico, nós nos propomos a fazer um estudo de caso sobre os passos necessários para tal, baseado no Salmo 122.

Este trabalho envolve uma mescla de abordagens, sendo pautado tanto pelo roteiro de esforço exegético conforme delineado no que há de mais recente do assunto na academia brasileira, especialmente na obra de Cássio Murilo da Dias da Silva (2022), quanto no que a Junta de Educação Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil (JET-IPB) indica em suas diretrizes aos candidatos ao sagrado ministério (2008). No caso, os passos aqui estão entre os iniciais propostos por Silva (2022, p. 5) e são precisamente os dois critérios imprescindíveis para uma exegese aceita pela JET-IPB, a saber, a tradução pessoal e a crítica textual, nessa ordem, “a partir de uma edição crítica das Escrituras” e “a partir da leitura do aparato crítico referente à passagem estudada” (JET-IPB, 2008, p. 53).

O esforço também se baseia em obras clássicas de referência facilmente acessíveis em bibliotecas ou softwares bíblicos, como os

léxicos de Brown-Driver-Briggs (BDB) e o de Gesenius, além de não deixar de lado o cotejamento em traduções já consagradas em língua português, como as Almeida Revista e Corrigida (ARC), Revista e Atualizada (ARA), Nova Almeida (NAA), Nova Versão Internacional (NVI), Bíblia Matos Soares (BMS), de Jerusalém (BJ), do Peregrino (BP) e a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB).

Há um grande empenho para explicar o máximo do texto hebraico valendo-se apenas das informações presentes na própria edição da *Biblia hebraica stuttgartensia* (BHS) e de uma única gramática hebraica (a de Thomas Lambdin). Reflexo dessa ênfase sintética é a estrutura do trabalho enxuta, constando apenas de duas partes: a crítica textual do Salmo 122 conforme presente na BHS; e a análise gramático sintática-sintática do texto base resultante da primeira parte.

Portanto, o trabalho apresentando aqui é apenas o absolutamente necessário (ou seja, não exaustivo) para se chegar a uma tradução final pessoal. Isso quer dizer que seções adicionais que poderiam ter sido acrescentadas não o foram. Por exemplo, não se preocupou em defender a limitação do texto (assumiu-se o salmo como unidade de sentido), não há seções para estruturação sintática das orações (com indicação esquemática de subordinação ou coordenação), nem para a análise lexicográfica, devido a já se ter considerado que as considerações gramático-sintáticas da segunda parte incorporam suficientemente as contribuições que essas partes

poderiam ter para o esforço fim deste trabalho: a produção de uma tradução própria e eclética.

ANÁLISE TEXTUAL

Nesta parte, são avaliadas “as diferenças textuais entre os manuscritos” (SILVA, 2022, p. 93) para se estabelecer com segurança a formulação mais certa e equivalente à redação original. Um texto hebraico tomado por base é o da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS) e as leituras variantes analisadas serão as das testemunhas textuais apresentadas em seu aparato crítico (BHS, 1997, p. 1209).

a. TEXTO HEBRAICO

¹אֲשִׁיר הַמַּעֲלוֹת לְדָוִד שְׁמַחְתִּי בְּאִמְרִים לִי בַּיִת יְהוָה גִּלְדָּה:

²עֲמֻדוֹת הָיוּ רַגְלֵינוּ בְּשִׁעְרֵיךָ יְרוּשָׁלַם:

³יְרוּשָׁלַם הַבְּנוּיָה כְּעִיר שְׁחַבְרָה־לָהּ יַחְדָּו:

⁴אֲשִׁשֶׁם עָלַי וְשָׁבִטִים שָׁבִטִי־יָהּ עֲדוֹת לְיִשְׂרָאֵל לְהַדֹּת לְשֵׁם יְהוָה:

⁵כִּי אֲשִׁמָּה | יִשְׁבּוּ כִסְאוֹת לְמִשְׁפַּט כִּסְאוֹת לְבַיִת דָּוִד:

⁶שְׂאֵלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלַם אֲשִׁלְיוּ אֶהְבִּיךָ:

⁷יְהִי־שְׁלוֹם בְּחִילְךָ שְׁלֹנָה בְּאֶרְמְנוֹתֶיךָ:

⁸לְמַעַן אֲתִי וְרַעֲי אֲדַבְּרָה־נָּא שְׁלוֹם בָּךְ:

⁹לְמַעַן בַּיִת־יְהוָה אֶלְהִינּוּ אֲבַקֶּשֶׁה טוֹב לָךְ:

b. ANÁLISE DO APARATO CRÍTICO

Este salmo apresenta algumas questões textuais de leituras variantes. Elas serão abordadas a seguir na exata ordem em que aparecem no aparato crítico da BHS (1997, p. 1209).

• **Versículo 1:**

Já no primeiro versículo, vemos algumas lições variantes. A primeira está no “título” dado que, em nossas versões vernaculares, costumam anteceder o versículo 1, mas que, no TM, faz parte do versículo 1. Trata-se da referência à autoria davídica — a expressão דָּוִד . O apontamento do aparato é: “> 2 Mss G^*T ”. A chave de abreviaturas da BHS (1997, p. lxxxvii) nos mostra que o sinal de “maior que” (>) significa “ausente de”, que “mss” é a abreviatura latina para “manuscritos”, que a letra G em fonte gótica significa a Septuaginta (doravante, LXX), que o asterisco (*) significa uma conjectura provável e que o T em fonte gótica significa o Targum. Ou seja, a referência à autoria está ausente em dois manuscritos da LXX, mas que são conjecturados no Targum.

Convém ressaltar que, dos 15 “salmos de subida” (Salmos 120 a 134), cinco deles contêm indicação de autoria no TM, sendo quatro atribuídos a Davi (122, 124, 131 e 133) e um a Salomão (Sl 127). Em todos os cinco, contudo, a autoria está ausente somente de alguns dos manuscritos gregos. A indicação textual de autoria davídica, portanto, é apoiada pela evidência externa favorável ao TM.

- **Versículo 2:**

Neste versículo, há duas lições variantes. O apontamento do aparato para a primeira é: “**רגלי** **RS**”. Isso significa que onde se lê “nossos pés” (רגלינו), no plural (tecnicamente, no hebraico, no dual), a lição encontrada tanto na versão de Khirbet Qumran (indicada pela letra Q gótica) quanto na versão Siríaca (indicada pela letra S gótica; cf. BHS, 1997, p. lxvi) é “meu pé” ou “meus pés”. Isso dependerá da vocalização pretendida da leitura variante, que é רגלי. Se abaixo da consoante *lāmedh* houver um *hireq*, ou seja, רגלי, a leitura será “meu pé”; se for um *qāmeç gādhôl*, ou seja, רגלי, será “meus pés”. No entanto, como participio e verbo estão no plural (עמדות הנו; lit., “parados estão”), a leitura variante que manteria a concordância de número teria de ser “meus pés”. Como essas variantes não gozam de mais do que parca evidência externa, a lição do TM deve ser preferida.

A segunda lição variante diz respeito a **בשעריך** (lit., “em teus portões”). O apontamento do aparato para esta variante é: “**Θ** *ἐν ταῖς ἀύλαις σου = בַּחצְרֶיךָ*?”. Ou seja, na LXX, não está traduzido “em teus portões” (que ficaria *ἐν ταῖς πύλαις σου*), mas “em teus átrios”. Seria isso um indicativo de que o texto a partir do qual a LXX estava sendo traduzida apresentava **בחצריך** (“em teus átrios”) no lugar de **בשעריך** (“em teus portões”)? A comissão editora da BHS parece sugerir isso, pois **בַּחצְרֶיךָ** apresenta uma vocalização bastante específica, ocorrendo apenas uma vez em toda a BHS (no Salmo 84:10) e

estando com sufixo pronominal masculino, ao passo que Jerusalém, a dona dos portões, é tratada no feminino em todo o Salmo 122. A sugestão é boa e, uma vez que nenhuma outra tradução, nem mesmo as que dependem da LXX, apresentam “átrios” no lugar de “portões”, a leitura do TM deve ser preferida aqui.

- **Versículo 3:**

O primeiro desafio do v. 3 encontra-se no adjetivo qualificador da cidade de Jerusalém, que o TM a descreve como **שְׁחִבְרָהּ-לָהּ**, que significa algo nas linhas de “que é compacta em si mesma” (lit., “que é compacta para ela”). A tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA) verte a expressão simplesmente como “cidade compacta”. Essa tradução toma a vocalização do termo como se fosse um Pual, “a contrapartida passiva do Piel” (LAMBIDIN, 2003, § 154), o que é fiel ao TM.

O aparato crítico, no entanto, apresenta variantes em toda essa parte final do versículo. O primeiro apontamento do aparato é: “^{a-a}σ’ (Hier) ἧς ἡ μετοχή ἀτῆς = **שְׁחִבְרָהּ** vel **שְׁחִבְרָהּ-לָהּ**; **וְלוֹ** pro **לָהּ יְהוּדוֹ**”. Esse é o maior apontamento no aparato crítico da BHS para este salmo. Como interpretar essa informação? Vamos por partes.

Primeiramente, a primeira diz respeito à locução adjetiva inteira, compreendida por duas letras A sobrescritas (i.e., ^a**שְׁחִבְרָהּ-לָהּ**). Nós já vimos que a letra G gótica simboliza a LXX, mas o que seria o sigma minúsculo seguido de um apóstrofo (σ’)? A chave de abreviaturas da BHS indica se tratar da versão de Símaco (1997, p. lxxxvii). O *Hier* entre parênteses significa que foi a leitura seguida

por Jerônimo em seu trabalho de tradução (BHS, 1997, p. lxxv). A leitura seguida foi a de ἧς ἡ μετοχή αὐτῆς, independentemente de o hebraico apresentar שְׁהִבְרָה ou שְׁהִבְרָה־לָּהּ (vel no aparato crítico significa “ou”; cf. BHS, 1997, lxxxvi).

Essa tradução ao grego não assume a vocalização do Pual, que é o que o TM apresenta. Ele assume a vocalização como um perfeito de Qal, seja com um sufixo *hê-mapîq* (שְׁהִבְרָה) ou com um sufixo em forma pleonástica (שְׁהִבְרָה־לָּהּ). Isso suaviza a “força” do Pual, levando a expressão a ser interpretada por união não tanto no sentido mais duro de compacto, mas no sentido de ajuntamento de comum acordo, de comunhão, conforme indicam tanto o BDB (2000, p. 287-288) quanto Gesenius (1969, p. 258-259) e que pode ser visto, por exemplo, em Gn 14:3. Inclusive, o termo μετοχή aparece no Novo Testamento uma vez, em 2 Coríntios 6:14, onde ele é traduzido como “sociedade” (traduções Almeida) ou “ter em comum” (NVI), no contexto de não se pôr em jugo desigual com incrédulos.

Assim, o aparato nos diz que essa foi a opção de tradução da LXX, de Símaco e a base para a tradução de Jerônimo, pois a expressão é vertida como ἧς ἡ μετοχή αὐτῆς, que nos chega ao português, pelo trabalho do Pe. Matos Soares como “cujas partes (ou habitantes) estão em perfeita e mútua união” (1944, p. 291). Deixaremos esta questão em suspensão enquanto lidamos com os demais apontamentos do aparato.

A segunda parte do primeiro apontamento do aparato é uma leitura de Khirbet Qumran (Q), onde se lê לו “no lugar de” (*pro*; cf. BHS, 1997, p. lxxxiv) לה יחדו. Ou seja, a compactação da cidade é posta não em referência a si mesma, mas em referência basicamente ao SENHOR ou do SENHOR, que é o efeito da preposição *lāmedh* com o sufixo pronominal (BDB, 2000, p. 510-518; Gesenius, 1969, p. 421-425), ao invés de reforçar a compactação (ou união) numa unidade (יחדו). Delitzsch (1988, p. 277), inclusive, favorece a primeira tradução de Lutero (“compactada”) à tradução preferida pelo reformador em sua velhice (“união”) porque a primeira se harmoniza com o passivo indicado pelo Pual, ao passo que a última precisaria de um Nifal ou de um Hitpael.

O segundo apontamento do aparato crítico é onde há uma letra B sobrescrita. O apontamento é: Ms שהיברה. A abreviatura *Ms* significa um único manuscrito medieval (BHS, 1997, p. lxxxvii). Essa variante parece tentar manter o Pual, mas com uma soletração *plene* ao invés de *defectiva*: שהיברה. A soletração estaria correta se houvesse um *shûreq* após o *hêth* (ח) para substituir o *qibbûç* sob o *hêth* (ה), mas o que há é um *yôdh* (י). Independente de esse ter sido ou não o intento do escriba, a pouca evidência (um único manuscrito) e sua idade (medieval) bastam para preterir essa variante.

Finalmente, o último apontamento do aparato diz respeito à última palavra do versículo e é o seguinte: S šwr' murus. Já vimos que a letra S gótica indica a versão Siríaca. Não precisamos aprender siríaco para refazer a transliteração e descobrir o significado da

palavra, pois Mauer (BHS, 1997, p. lxxxii) já pôs em latim a tradução: muro. Assim, unicamente na versão Siríaca, a cidade não apresenta “unidade” (יְהוּדָה), mas “muro”, ou seja, a cidade está compacta em seus muros. Isso corrobora externamente o sentido da leitura do TM, que interpreta חֵבֶר como um Pual, ou seja, uma compactação referente à sua edificação, não uma associação no sentido de comunhão, como se vê na LXX, em Símaco e em Jerônimo. Logo, voltando ao ponto que ficou suspenso no primeiro apontamento, a versão Siríaca nos apresenta um motivo convincente para preferir a leitura do TM.

- **Versículo 4:**

A primeira palavra do v. 4 apresenta leituras variantes nas testemunhas de Khirbet Qumran (Ⲛ) e na Siríaca (Ⲫ), que apresentam שמה onde o TM apresenta שָׁמָּה. É o que significa o primeiro apontamento do aparato deste versículo: “ⲚⲪ שמה”. Naturalmente, o texto das variantes não está vocalizado com sinais diacríticos, mas pode-se inferir que se trata de שָׁמָּה, mesmo termo presente no v. 5. Em ambos os casos, o sentido equivale a “para lá” e o texto como um todo continua a fazer sentido (DELITZSCH, 1988, p. 277). Quando duas leituras variantes são estilística e internamente possíveis, Chisholm diz (2016, p. 23) que se deve apelar ao critério externo para desempate. Sendo assim, como a evidência de leitura variante é muito parca, não há motivo para ir contra o texto estabelecido pelo TM aqui.

O segundo apontamento do aparato é: “**עדות ישׁ ׀** cf. **σ’ ἐκκλησία**”. Isso significa que, onde se lê **עדות לְיִשְׂרָאֵל** (“um testemunho de/para Israel”), a lição variante de Khirbet Qumran suprime o *lāmedh* e estabelece um construto completamente novo e com outra significação: **עדת יִשְׂרָאֵל** (“a congregação de Israel”). Inclusive, a versão de Símaco verteu o substantivo construto como *ἐκκλησία* (“igreja”). A pouca evidência para essa lição deve nos levar a rejeitá-la.

Finalmente, o último apontamento do aparato crítico referente a este versículo é: “**huc tr ֿ**”. O termo latino *huc* significa “aqui” (BHS, 1997, p. lxxxix) e o *tr* significa “transpor” (BHS, 1997, p. lxxxvi). Ou seja, essa nota sugere transpor a nota de cantilação, o *atnah* (ֿ), para a palavra seguinte. Não há nenhuma indicação de fonte, logo, esse ponto deve ser encarado como sugestão da comissão editora. Além disso, por tratar de um sinal diacrítico, essa não é uma questão de análise de crítica textual, mas, sim, de delimitação das orações.

- **Versículo 5:**

A única lição variante no v. 5 é que a testemunha de Khirbet Qumran (**Q**) põe trono no singular (**כסא**). Não há mudança de sentido e a variante é pouco atestada, portanto, deve-se preferir o TM.

- **Versículo 6:**

O primeiro apontamento do aparato no v. 6 é: “**ᵃ-ᵃ** **καὶ εὐθηνία τοῖς ἀγαπᾶσίν σε = ׀לָא יְשׁלְחָהּ** cf 7”. Isso significa que a bênção aos que rogam pela paz de Jerusalém é lida de modo diferente

na LXX. Enquanto no TM é **יְשֻׁלִּי אֶהְיֶה**? (na ARA: “*sejam prósperos os que te amam*”), a lição da LXX é “*prosperidade aos que te amam*” (*καὶ εὐθηνία τοῖς ἀγαπῶσίν σε*). Essa lição faz sentido se o original hebraico for o substantivo **שְׁלֵוָה** (“prosperidade”) no lugar do verbo estativo **שָׁלַח** (“ser próspero”), que aparece no TM no imperfeito de Qal. O que chama a atenção é que o substantivo aparece no v. 7, portanto, a LXX estaria traduzindo de uma versão hebraica em que o paralelismo entre v. 6 e v. 7 seria mais explícito:

- v. 6: rogai pela paz de Jerusalém *e prosperidade* aos que te amam;
- v. 7: haja paz em teus muros *e prosperidade* em teus palácios.

Em ambas as partes em itálico, o grego está como *καὶ εὐθηνία*. A questão é que não há conjunção aditiva *vāv* nos versículos em hebraico. Portanto, pode-se explicar essa versão grega mediante a confusão de algum escriba na transcrição de **יְשֻׁלִּי**, onde o *yôdh* é confundido por um *vāv*, o que explica o *καὶ* no v. 6. Assim, para manter o paralelo com o v. 7, a palavra no v. 6 é vertida como substantivo e o *καὶ* é acrescido ao v. 7, onde não há *vāv*. Uma vez que “a leitura a ser preferida é a que melhor explica a existência das demais” (CHISHOLM, 2016, p. 23), deve-se preterir a variante da LXX em favor do testemunho do TM.

Ainda no v. 6, há um segundo apontamento no aparato: “prb l c Ms **אֶהְיֶה לְךָ**”. A sigla *prb* significa “provavelmente” (BHS, 1997, p. lxxxiv), a letra L sozinha (não se trata de um dígito 1) significa “ler” ou “lê-se” (BHS, 1997, p. lxxxii), a letra C sozinha significa “com”

(BHS, 1997, p. lxxix) e o Ms, como já vimos, significa um manuscrito medieval (BHS, 1997, p. lxxxvii). Logo, a informação dada é que há um manuscrito medieval onde provavelmente se lê “nas tendas dela” (אֶת־הַתְּנָאִים). Assim, o v. 6 ficaria: “rogai pela paz de Jerusalém, sejam prósperas as tendas dela”. A questão é que não faz sentido falar de tendas numa cidade que está sendo louvada por ter tão sólidas e compactas estruturas de pedras (v. 3). Se o termo estivesse no singular, faria algum sentido falar da tenda no singular se fosse em referência à moradia da arca antes da construção do templo, mas não no plural, como habitações humanas. Jerusalém é uma cidade sedentária, não um acampamento nômade. Portanto, essa lição deve ser preterida em favor da leitura do TM.

- **Versículo 7:**

Aqui, há apenas um apontamento no aparato crítico: “nonn Mss **GS** ״שׁו״”. A sigla *nonn* significa “alguns” (BHS, 1997, p. lxxxiii), Mss seguido das siglas de outras versões antigas significa “manuscritos da versão tal” (BHS, 1997, p. lxv) e as letras G e S em fonte gótica, como já vimos, referem-se à LXX e à Siríaca. Logo, a informação apresentada é a de que vários manuscritos da LXX e da Siríaca apresentam um *vāv* antes do substantivo שְׁלוֹהַ. No entanto, isso já foi discutido no versículo anterior. Se *todos* os manuscritos da LXX apresentassem essa variante no v. 7, isso daria força ao paralelismo apontado na análise do aparato crítico do v. 6. Como este não é o caso, permanece forte a explicação de variante a partir de inferência do copista grego.

- **Versículos 8 e 9:**

Uma vez que o aparato crítico da BHS não apresenta lições variantes nos versículos 8 e 9

c. RESULTADO DA CRÍTICA TEXTUAL

Após analisar as variantes apontadas no aparato crítico da BHS, concluímos que devemos tomar o texto conforme presente no TM. Isso não significa um retorno à estaca zero, mas sim, após considerar as possibilidades disponíveis, uma adoção bem informada do texto sugerido pela comissão editora da BHS.

ANÁLISE GRAMÁTICO-SINTÁTICA

Com o texto hebraico a ser trabalhado estabelecido, passamos agora a analisar o conteúdo do texto em si. Para tal, o texto deve ser segmentado em orações, onde “cada segmento tem um único verbo” (SILVA, 2022, p. 129). Cada segmento é identificado pelo número do versículo e uma letra.

a. DELIMITAÇÃO DAS ORAÇÕES

שִׁיר הַמַּעֲלוֹת לְדָוִד	1a
אֲשַׁמְחֵתִי	1b
בְּאֲמָרִים לִי	1c
בַּיִת יְהוָה נִגְדָּד:	1d
עֲמֻדוֹת הַיָּיִן רִגְלֵינוּ	2a
בְּשִׁעְרוֹיָד יְרוּשָׁלַם:	2b
יְרוּשָׁלַם הַבְּנוּיָה כְּעִיר	3a
שִׁחְבְּרָה-לָהּ יַחֲדָו:	3b

שְׁנֵם עָלוּ שְׁבֹטִים שְׁבֹטֵי־יָהּ עֲדוֹת לַיִשְׂרָאֵל	4a
לְהָדוֹת לַשֵּׁם יְהוָה:	4b
כִּי שָׁמְהוּ יִשְׁבוּ כְּסֵאוֹת לְמִשְׁפָּט	5a
כְּסֵאוֹת לְבַיִת דָּוִד:	5b
שָׁאֲלוּ שְׁלוֹם יְרוּשָׁלַם	6a
!שְׁלִי אֶהְיֶה:	6b
יְהִי־שְׁלוֹם בְּחֵילָךְ	7a
שְׁלוֹהַּ בְּאַרְמְנוֹתֶיךָ:	7b
לְמַעַן אֲתִי וְרַעֲי	8a
אֲדַבְּרֶה־נָא שְׁלוֹם בָּךְ:	8b
לְמַעַן בֵּית־יְהוָה אֶלְהֵינּוּ	9a
אֲבַקֶּשֶׁה טוֹב לָךְ:	9b

b. CONSIDERAÇÕES GRAMÁTICO-SINTÁTICAS

Normalmente, na produção de um texto acadêmico, “não é necessário (e muito menos adequado) justificar frase por frase por que você está segmentando desse modo” (SILVA, 2022, p. 145). Porém, por este artigo se propor a ser um passo a passo de uma pequena parte do processo exegético, o esforço que leva à tradução final receberá comentários versículo a versículo.

• Versículo 1:

Após o título e atribuição de autoria (1a), o **v. 1** do salmo segue com três orações assindéticas justapostas, sendo a primeira a oração principal (1b); a segunda é uma oração subordinada adverbial conformativa (1c); a terceira, substantiva objetiva direta (1d). Justifiquemos nossas alegações.

É significativo que as três orações sejam todas assindéticas, pois é uma marca do discurso poético, uma vez que o hebraico, assim

como o grego, é uma língua “sindética”, ou seja, faz amplo uso de conectivos — respectivamente, ו e καί — para ligar palavras e frases nas sequências narrativas gerais (SILVA, 2022, 229).

Acerca da classificação das orações, merece comentário a classificação da oração 1c, בְּאִמְרֵיהֶם לִי, comumente traduzida por “quando me disseram” (ARA), ou seja, como uma oração substantiva adverbial *temporal*, não *conformativa*, como dissemos acima. Nossa divergência da opção temporal se dá porque, estritamente falando, a tradução da preposição *bêth* com o particípio de Qal de אָמַר no masculino plural deveria ser traduzido por algo nas linhas de “alegri-me com os que me disseram”², leitura esta seguida pela NVI. Aliás, é exatamente assim que verte a LXX: εὐφράνθην ἐπὶ τοῖς εἰρηκόσιμ μοι. No entanto, diferentemente do grego, que, como aponta Wallace (1995, p. 355-389), tem muitas e variadas preposições, o hebraico tem apenas cerca de meia dúzia, portanto, elas têm de ser muito versáteis. Isso é o caso da preposição *bêth*, que também tem uso temporal (LAMBDIN, 2003, § 110), motivo pelo qual a tradução da LXX não configura como uma variante textual, mas apenas como uma opção de tradução. Do contrário, teria sido abordada na seção de análise do aparato crítico. No entanto, o uso temporal da preposição ocorre quando prefixada a um infinitivo construto (LAMBDIN, 2003, § 115.a), o que não é o caso aqui. Segundo Schökel, em seu dicionário (1997, p. 85-86), seu teor é de

² Ou “com os que me diziam/dizem”. Há versatilidade temporal no aspecto por causa do gênero poético.

“vizinhança”, de “companhia” quando não estiver prefixada a um termo que designe um local (e.g., “no firmamento”, “na terra”), a um substantivo de tempo (e.g., “no dia”, “no fim”), a um termo que designe uso instrumental (e.g., “golpear com a vara”), com indicação de causa ou motivo (e.g., “por Raquel... pelo amor que lhe tinha”), com indicação de preço ou pagamento (e.g., “olho por olho”), com comparativo superlativo (e.g., “a mais bela dentre as mulheres”) e de modo concessivo (e.g., “ainda assim terei confiança”). Convergem nesse ponto as explicações encontradas para a preposição *bêth* no BDB (2000, p. 88-89) e no léxico de Gesenius (1969, p. 96-97). Portanto, por exclusão, o peregrino está se alegrando *com* os que estão com ele, conforme lhe disseram: “vamos à casa do SENHOR”! O que faz sentido, se tivermos em conta que, no v. 2, como será visto a seguir, o texto hebraico lê que “nossos pés” pararam às portas de Jerusalém, não os “meus pés”.

A pergunta que se segue é: se a oração 1c é adverbial conformativa (ou seja, um complemento), como pode ser seguida de 1d, que é substantiva objetiva direta? A resposta está no particípio de 1b (בְּאִמְרֵי). O valor de tradução de 1c é literalmente adjetivo (alegrei-me “com meus *dizentes*”), mas, sendo o particípio uma formal nominal do verbo (AZEVEDO, 2014, p. 347), ele tem um caráter nominal (pessoa, gênero, número) e um caráter verbal (complementos verbais, os objetos). Portanto, os “dizentes” dizem algo (objeto direto) a alguém (objeto indireto). O objeto indireto do particípio está na própria oração 1c (“me” disseram, o לִי do texto

hebraico). Onde está o que é dito (objeto direto), portanto? Está na oração que vem a seguir (1d), logo, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Novamente, isso é uma questão de crítica textual — está muito claro que o texto hebraico registra *שְׁמַחְתִּי בְּאֵמְרֵי לִי* — mas de tradução. Seja como for, as duas opções de tradução, representadas pela opção “tradicional”, vista, e.g., na ARA e pela opção da LXX, vista, e.g., na NVI, fazem sentido dentro do contexto. No entanto, os argumentos elencados anteriormente nos levam a adotar a opção de tradução da LXX, seguida em português pela NVI.

- **Versículo 2:**

O **v. 2** é a chegada do peregrino às portas da Cidade Santa, antecipada pela sua visão de chegada no versículo anterior. Ele e seus companheiros (“nossos pés”) param junto dos portões, como se estivesse examinando as edificações que tanto os maravilharam, o que dá margem à reflexão dos três versículos seguintes.

A primeira oração do versículo (2a) é a oração principal da qual depende a segunda oração (2b), que está em paralelismo sintético à primeira. Isso não porque haja uma relação de causa e efeito entre as duas, mas porque “a segunda frase dá maior precisão à primeira” (SILVA, 2022, p. 227). No caso, a segunda oração aproxima do interlocutor a experiência de entrada em Jerusalém, que ele trata por um vocativo (“teus portões, ó Jerusalém!”).

- **Versículo 3:**

O **v. 3** apresenta algo extraordinário do ponto de vista gramatical, pois aqui há a primeira ocorrência, Livro dos Salmos, de ψ (*she*) como abreviação de אֲשֶׁר (*’āsher*), o que sugeriria uma datação tardia para o salmo 122, ainda mais à luz dos salmos 123 e 137, onde abundam ocorrências dessa abreviação, conforme há muito tempo observou Kennicot (1787, p. 275). No entanto, ele próprio destaca, em outro lugar da mesma obra (p. 153), que essas abreviações ocorrem também em Jó e em Juízes. Valendo-nos do recurso de busca disponível gratuitamente no site *Blue Letter Bible*,³ podemos constatar as ocorrências referidas em Jó 19:29, além de Jz 5:7 (duas ocorrências), 6:17, 7:12 e 8:26. É importante ressaltar que essas observações de Kennicot se encontram na parte em que ele comenta sobre o livro de Jó, onde ele não acha que a ocorrência de *she* como abreviação de *’āsher* é sinal de autoria tardia (ele diz o mesmo para Juízes). Inclusive, ele cita Gn 6:3, onde ocorre כִּי־וְגַם (literalmente, “pois que também”) para defender essa posição. Então, como conciliar isso? A abreviação de *’āsher* com *she* é prova de composição tardia ou não?

A realidade é que não apenas não há consenso sobre o assunto, como também há sérias objeções para se enxergar o *she* como evidência de composição tardia. Além das objeções que o próprio Kennicot apontou ao falar de textos em Jó, Juízes e Gênesis, o BDB (2000, p. 81) aponta que há a hipótese de o próprio *’āsher* ter

³ Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

se desenvolvido a partir do *she*, que teria recebido o acréscimo de um \aleph pronominal e, depois um γ , à semelhança do que ocorreu com outras palavras similares, tais como $\aleph\psi\aleph$ (“tamargueira”, a árvore). Também há objeções a essa hipótese, mas a realidade é que, dado o que se sabe atualmente, simplesmente não há como dizer quem veio antes: o *she* ou o *’āsher*. Após apontar várias objeções às tentativas de desvendar esse enigma, Cleon Rogers escreve no *Theological Wordbook of the Old Testament* (TWOT):

Seria um grave erro usar o *she* [ψ] como critério para classificar uma obra, ou parte dela, como tardia. Trata-se de uma palavra antiga usada com sentido poético e que, por razões desconhecidas, foi posteriormente aceita pelos rabinos no lugar de *’āsher* [$\aleph\psi\aleph$]. (ROGERS, 1980, p. 890).

Portanto, o uso dessa partícula no lugar do pronome relativo não tem peso para provar algo acerca da data da composição do salmo.

Seja como for, o fato é que o v. 3 possui uma oração principal (3a) seguida de uma oração subordinada adjetiva *restritiva* (3b), tanto que, normalmente, esta última é vertida ao português não como uma oração, mas diretamente como um adjetivo: “compacta” (ARA), “bem sólida” (ARC, NAA), “firmemente estabelecida” (NVI), “bem coesa” (TEB), “em que tudo está ligado” (BJ), “bem unida e compacta” (BP). Se a oração fosse subordinada adjetiva *explicativa*, não seria possível traduzi-la de modo atributivo, pois

seria necessário vertê-lo como “Jerusalém, que estás construída como uma cidade, que é compacta” (ou “estabelecida” etc.).

Além de a oração ser adjetiva restritiva, é digno de nota que o pronome relativo utilizado *she* é um “elemento de continuação” (WALTKE; O’CONNOR, 2006, p. 355), ou seja, um encadeamento poético à semelhança do que o *vāv* conjuntivo faz em sequências narrativas. Isso ficará mais evidente no versículo seguinte, cuja primeira oração também começa com um *she* e está emparelhada com a última oração do v. 3.

Versículo 4:

Quanto ao **v. 4**, sua primeira oração (4a) está coordenada à última do v. 3, portanto, à semelhança desta, subordinada à primeira oração do v. 3 de modo adjetivo restritivo. Tanto que a oração é traduzida, à semelhança da anterior, sem o pronome relativo em português: “para onde sobem” (ARA, NAA, BJ, BP), “aonde sobem” (ARC), “para lá sobem” (NVI), “para lá subiram” (TEB).

A segunda frase (4b) – não é tecnicamente uma oração, pois não há verbo, mas é uma unidade de sentido – está em paralelismo sintético com a primeira, pois dá maior precisão à primeira: quais tribos sobem? “As tribos do SENHOR”. Esse paralelismo funciona quase como um aposto, tanto que é interessante notar que essa parte é aglutinada à oração precedente na NVI, que diz simplesmente: “Para lá sobem as tribos do SENHOR [4a/4b], para dar graças ao SENHOR [4d], conforme o mandamento dado a Israel [4c]”.

Isso nos traz à frase seguinte (4c), que está em paralelo sinonímico com a frase anterior (4b), pois “expressam algo equivalente” (SILVA, 2022, p. 227). Ou seja, as tribos do SENHOR são o “testemunho para Israel”, uma vez que “testemunhos” é a tradução mais natural para תִּדְבָר, como se vê no BDB (2000, p. 730) e em Gesenius (1969, p. 608). Portanto, sendo o paralelo com as tribos, não com a subida, julgamos que é preferível traduzir “testemunhos para Israel”, divergindo, assim, tanto das traduções que põem ênfase na subida em si — como ocorre nas traduções de “como convém a Israel” (ARA, NAA), “segundo a regra vigente em Israel” (TEB), “segundo o costume de Israel” (BP) e “segundo a ordem dada a Israel” (BMS) — quanto das reformulações completas — caso já mencionado da NVI e do “é uma razão para Israel celebrar” (BJ).⁴ Além disso, divergimos da tradução da ARC, que, embora verta a tradução com ênfase nas tribos, ela o faz em forma de construto — “como testemunho *de* Israel” — ou seja, desconsiderando a preposição *lāmedh* em לְיִשְׂרָאֵל.

Finalmente, a quarta frase (4d), que é na verdade a segunda oração, pois 4b e 4c não são tecnicamente orações, é dependente de 4a, configurando uma oração subordinada adverbial final, ou seja, expressa objetivo, a finalidade da oração que a rege. Aqui, no caso, a oração “para onde sobem as tribos” (4a) encontra sua finalidade expressa em “para renderem graças ao nome do SENHOR” (4d).

⁴ Interessante notar que há uma nota para este versículo na BJ que informa que a tradução literal é precisamente “testemunho de Israel” (cf. BJ, p. 998, nota c).

Versículo 5:

O **v. 5** abre com uma oração que está subordinada à oração 3a (“Jerusalém, construída como cidade”), à semelhança de 3b (“que é compacta”) e de 4a (“que é para onde sobem as tribos”. No entanto, diferentemente destas, a oração 5a está subordinada *adverbialmente* a 3a (responde à pergunta “por quê?”), não de modo adjetivo. Assim, 5a é uma oração subordinada adverbial causal (“pois lá se assentam os tronos para a justiça”).

Aqui cabe um comentário sobre a tradução pretendida da expressão **כְּסִאוֹת לְמִשְׁפָּט**, tradicionalmente traduzida como “os tronos de justiça” (e variações contendo “tribunais” ou “juízo”). Esse é o caso, por exemplo, da tradução vista nas versões ARC, ARA, NAA e BP. Outras traduções trazem ainda “da” justiça, agregando o artigo definido feminino à preposição, caso da BJ e da BMS. Ou seja, elas definem e especificam justiça, aproximando o conceito para a aplicação. A última dentre as traduções que estamos usando como referência e comparação é a TEB, que verte a expressão como “tronos para a justiça”.

Fique-se claro desde já que todas essas são traduções possíveis da expressão, mas algumas optam por trazer mais uma nuance do que outra. A própria LXX, ao traduzir a expressão, verte-a como **θρόνοι εἰς κρίσιν**, ou seja, tronos para a finalidade de justiça.

A preposição “de” em português é utilizada no que nas línguas clássicas é chamado de caso genitivo, caso este que tende a ser visto como o caso da “posse”. No entanto, há muito mais do que

isso no genitivo. A gramática de referência de sintaxe do grego coine, por exemplo, dedica mais de 60 páginas ao caso genitivo (WALLACE, 1995, p. 72-136), o que, excluindo os índices remissivos, dá cerca de 8% da conteúdo da gramática inteira, i.e., ficando atrás apenas do artigo em extensão de tratamento de um tema (WALLACE, 1995, p. 206-290). Isso se dá por causa da multiplicidade de usos que o genitivo pode ter. No português, é a mesma coisa. Por exemplo, embora a casa *de* João refira-se a posse, uma mesa *de* madeira refere-se ao material de que é feita, um copo *de* água refere-se ao seu conteúdo, viajar *de* carro refere-se ao meio como se desloca, uma dor *de* cabeça refere-se à natureza da dor em questão etc.

O que pode ser dito, então, acerca da expressão na oração 5a? Primeiramente, ela não é um construto. Ela não pode se referir a “tronos de justiça” do mesmo jeito que se usa “carvalhos de justiça” (אֵילֵי הַצֶּדֶק) no construto de Isaías 61:3 (ARA, NAA, NVI etc.), ou seja, ser feito *de* justiça. A preposição *lāmedh* (כְּסֵאוֹת לְמִשְׁפָּט) quebra a relação de definição do construto (“os tronos de justiça”), introduzindo sete possibilidades de interpretação, conforme sintetiza Andrew Bowling no TWOT (1980, p. 463).⁵ Segundo ele, a preposição *lāmedh* pode indicar:

- (i) direção, seja de movimento ou de atitude (Gn 30:25 — “volte eu [...] à minha terra”);

⁵ Para uma discussão mais detalhada sobre os usos da preposição *lāmedh*, cf. BDB (2000, p. 510-518), fonte em que Bowling se baseia para sua síntese.

- (ii) localização, seja no tempo ou no espaço (e.g., Gn 4:7 — “o pecado jaz à porta”);
- (iii) possessão, ou seja, o genitivo clássico de posse fora de um construto (e.g., Salmo 23:1 “[um] salmo *de Davi*”);
- (iv) um variegado e amplo uso que pode ser agrupado sob “referência” (e.g., Gênesis 20:13 — “dirás *a meu respeito*”);
- (v) o sujeito passivo de ideias verbais (e.g., Gn 14:19 — “Bendito seja Abrão *pelo* Deus Altíssimo”);
- (vi) o uso com infinitivo para indicar propósito ou resultado (e.g., Dt 8:6 — “*para* andares nos seus caminhos”); e
- (vii) um certo uso indicativo de origem, inferido a partir do ugarítico, que é aceito por muitos dos eruditos, mas sem consenso (e.g. Salmo 84:11 — “nenhum bem sonega *aos* que andam retamente”).

Dadas as sete opções, a opção iv é a mais adequada, pois, na expressão do versículo (כְּסֵאוֹת לְמִשְׁפָּט) os tronos não estão se locomovendo a um local chamado justiça (eliminando a opção i), mas tampouco são um agente estacionário em determinado lugar chamado “justiça” (eliminando a opção ii). Além disso, não há verbo passivo (opção v), nem infinitivo (vi). A opção iii implica posse, o que só faria sentido se os tronos fossem locais em si sagrados e detentores da justiça, ao invés de locais de onde a justiça é aplicada. Portanto, a opção iv, em um sentido bastante amplo, parece ser a mais adequada, se se encararem os tronos como relativos e referentes

à justiça, ou seja, os tronos como o local de *administração* da justiça, de onde ela emana com uma finalidade. Assim, Jerusalém não é apenas a cidade que está construída como uma unidade e para onde as tribos do SENHOR sobem, mas também onde residem os tronos que administram a justiça.

A implicação disso na tradução é que, se a preposição “de” for ser empregada, então, o artigo definido antes de “tronos” deve ser eliminado, a fim de não implicar construto. Ficaria algo como “pois lá estão tronos de justiça”, não “os tronos de justiça”.

No entanto, dada a já mencionada amplitude de usos da preposição “de”, é melhor empregar uma preposição mais restritiva, que mais diretamente implique origem e finalidade. Por isso, optamos por seguir a tradução da TEB, que ainda tem a vantagem de manter o artigo definido de “tronos” sem implicar construto. O resultado é este: “pois lá se assentam os tronos para a justiça”.

Mas ainda há uma frase no versículo, que é a 5b: “tronos da casa de Davi”. À semelhança de 4b, essa frase é destituída de verbo, portanto, embora configure uma unidade de sentido, não é uma oração. Ainda em semelhança a 4b, 5b está em paralelismo sintético com a primeira, dando maior precisão à anterior e funcionando quase como um aposto. Note-se ainda que כְּסֵאוֹת לְבַיִת דָּוִד apresenta uma preposição *lāmedh* entre “tronos” e o construto “casa de Davi”. Ela se encaixa na opção iii de uso da preposição, discutida mais acima, pois é um caso de posse sem implicar construto. Por isso, na tradução

da oração, optamos por traduzir sem o artigo definido, ficando assim: “tronos da casa de Davi”.

O versículo 5 inteiro, portanto, fica: “pois lá se assentam os tronos para a justiça, tronos da casa de Davi”.

Versículo 6:

O **v. 6** apresenta duas orações em paralelismo sinonímico (SILVA, 2022, p. 227), pois são duas petições de uma mesma oração de semelhante teor numa mesma oração: o peregrino deseja paz sobre Jerusalém e deseja paz aos que amam a cidade. Será observado no v. 7 que esse mesmo esquema se repete.

É importante frisar ser nesta parte onde há uma série de aliteraões com os fonemas da palavra “paz” (שָׁלוֹם). Isso seria pertinente para a análise literária do texto. Como não é a isso que nos propomos aqui, basta-nos dizer que o v. 6 apresenta duas orações coordenadas assindéticas, ou seja, seu paralelismo e coordenação é fruto de temática e retórica, não de conjunções e subordinação sintática.

Versículo 7:

Quanto ao **v. 7**, O que se dá no v. 6, dá-se também aqui: duas orações em paralelismo sinonímico, pois são duas petições de uma mesma oração de semelhante teor numa mesma oração.

- **Versículo 8 e 9:**

Os **v. 8 e 9** estão em paralelismo sinonímico. Ambos se iniciam com לְמַעַן, que é uma conjunção formada pela prefixação da preposição *lāmedh* com o substantivo מַעַן, que significa propósito. O

resultado dessa justaposição é uma conjunção adverbial causal, que dá o motivo para algo (BDB, 2000, p. 775). Assim, há uma inversão aqui: 8a é a oração subordinada e 8b é a oração principal. Ou seja, “eu direi, haja paz em ti” (tradução literal de 8b) é a oração principal e “por causa de meus irmãos e meus amigos” (tradução literal de 8a) é a oração subordinada adverbial causal.

Convém ainda comentar que a partícula **כי**, que aparece no v. 8, denota que a ordem ou súplica “é consequência lógica, seja de uma declaração imediatamente precedente seja da situação geral na qual é proferida” (LAMBDAIN, 2003, § 136). Assim, o salmista não está apenas pedindo algo *em favor* de seus amigos e irmãos (como traduz, por exemplo, a NVI), pois trata-se de algo muito mais intenso. É como se, devido a ele tanto se importar, ele não pode evitar proferir essa bênção. Dada essa camada adicional de sentido (i.e., ele suplica não apenas em favor de, mas a própria súplica é consequência direta e lógica do interesse no bem dos amigos e irmãos), julgamos que a tradução adequada para a cláusula introduzida por **למען** é “por amor de meus amigos e irmãos” (cf. ARA, NAA). Isso também se verá no versículo seguinte, pois há uma oração iniciada com **למען**. Finalmente, o salmista profere, literalmente, “paz em ti”, que nós optamos por verter como “haja paz em ti”.

Versículo 9:

O **v. 9**, à semelhança do anterior, tem 9b como oração subordinada

adverbial causal (“por amor da casa do SENHOR, nosso Deus”) e 9a é a oração principal (“buscarei o teu bem”).

TRADUÇÃO RESULTANTE

Finalmente, chegamos a uma tradução que é própria e eclética. Própria por ter sido fruto de análise pessoalmente realizada da língua original, mas eclética tanto por construir sob o fundamento de léxicos e gramáticas quanto por ser curada e cotejada ecleticamente entre as traduções de referência. Eis o resultado:

- ¹ Cântico dos degraus. De Davi.
Alegrei-me com os que me disseram: "Vamos à casa do SENHOR!"
- ² Pararam os nossos pés
junto às tuas portas, ó Jerusalém!
- ³ Jerusalém, construída como cidade compacta,
⁴ para onde sobem as tribos,
as tribos do SENHOR,
como testemunho para Israel,
para renderem graças ao nome do SENHOR,
⁵ pois lá se assentam os tronos para a justiça,
tronos da casa de Davi.
- ⁶ Orai pela paz de Jerusalém!
Sejam prósperos os que te amam.
- ⁷ Haja paz dentro de teus muros
e prosperidade nos teus palácios.
- ⁸ Por amor de meus irmãos e amigos,
eu direi: “haja paz em ti!”.
- ⁹ Por amor da casa do SENHOR, nosso Deus,
eu buscarei o teu bem.

Salmo 122:1-6

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DO PEREGRINO (ed. Luis Alonso Schökel). Trad. Ivo Storniolo, José Bortolini e José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2022.

BÍBLIA Sagrada. 2^a. ed. revista e atualizada no Brasil. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA Sagrada Almeida Século 21. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BÍBLIA Sagrada: Nova Almeida Atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BÍBLIA Sagrada: traduzida e anotada da Vulgata pelo Pe. Matos Soares. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1944.

BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BÍBLIA: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BOWLING, Andrew. 1063 הָ (1^ª). In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (ed.). **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody Press, 1980. v. 1, p. 463.

BROWN, F. B.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, D. D. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**: With an appendix containing the Biblical Aramaic. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2000.

CHISHOLM, Robert B. **Da exegese à exposição**: Guia prático para o uso do hebraico bíblico. Trad. Carlos Osvaldo Cardoso Pinto e Marcos Mendes Granconato. São Paulo: Vida Nova, 2016.

DELITZSCH, Franz. **Biblical Commentary on the Psalms**. Trad. Francis Bolton. Grand Rapids, MI: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1988. v. 3.

GESENIUS, Wilhelm. **Gesenius' Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures**: With An Exhaustive English Index of more than 12,000 Entries. Translated by Samuel Prideaux Tregelles. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1969.

JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA. **Vocação e preparo para o ministério pastoral**: modelo de manual do candidato ao ministério da Palavra de Deus. São Paulo: Igreja Presbiteriana do Brasil, 2008. Disponível em:
https://www.executivaipb.com.br/arquivos/manual_do_candidato.pdf. Acesso em 02 de abril de 2024.

KELLIGER, K.; RUDOLPH, W et al (ed.). **Bíblia hebraica stuttgartensia**: Com prefácio em português. 5ª ed. rev. Estugarda: Deutsche Bibelgesellschaft; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

LAMBDIN, Thomas O. **Gramática do hebraico bíblico**. Trad. Walter Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulus, 2003.

ROGERS, Cleon. 2299 $\eta\psi$ (*she*). In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (ed.). **Theological Wordbook of the Old Testament**. Chicago: Moody Press, 1980. v. 2, p. 889-890.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Trad. José Bortolini e Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica: versão 2.0**. 4ª ed. rev. e atual. São Paulo: Paulinas, 2022.

WALLACE, Daniel. **Greek Grammar Beyond the Basics**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael P. **Introdução à sintaxe do Hebraico Bíblico**. Trad. Fabiano Antônio Ferreira, Adeleir Garcia Esteves e Roberto Alves. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

ABSTRACT

Case study based on Psalm 122 in which is shown the necessary though non-exhaustive effort to produce a personal, eclectic translation of a Biblical text, be it for the purpose of proclamation by a preacher, be it for the purpose of producing an exegesis paper. The effort consists first in textual criticism, where a complete analysis of the critical apparatus of the *Biblia hebraica stuttgartensia* (BHS) is conducted in the order the variants are shown. That is followed by a grammatical-syntactic analysis with commentary verse by verse justifying the choices that resulted in the goal of this paper: a personal and eclectic translation.

KEYWORDS

Hebrew Bible, Old Testament textual criticism, Hebrew Bible textual criticism, Biblical Hebrew